

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: De mãos dadas contracorrentes

18 DE MAIO
2019

DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL



DIA NACIONAL DA LUTA ANTIMANICOMIAL 2019

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: DE MÃOS DADAS CONTRACORRENTES

*“Não serei o poeta de um mundo caduco
Também não cantarei o mundo futuro
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”
Carlos Drummond de Andrade*

“Ninguém solta a mão de ninguém” tornou-se o lema das redes sociais após as eleições de 2018. Pelo resultado nefasto, parte do país mostrava sua cara ao eleger como presidente o candidato com perfil de extrema-direita, reacionário, nazifascista, que fazia declarações racistas, homofóbicas, misóginas, em defesa do armamento, sem um projeto político de governo, contrário às questões ambientais e da terra no país. Eleições que foram marcadas por disseminação de *fakenews* nas redes sociais, candidato ausente nos debates, outro preso em um processo de julgamento arbitrário, e uma polarização do país como resultado da anterior divisão entre os “vermelhos” e os “verde-amarelos”, alastrando uma onda de ódio que cindiu famílias, amigos, e matou pessoas que se manifestaram contrárias ao pensamento obscurantista que emergiu na sociedade brasileira. 2019 começa mostrando os riscos a que estamos submetidos junto a uma avalanche de notícias de retrocessos e falas absurdas frente às reais demandas do país. Fomos enterrados na lama de lixo-tóxico, com mais um crime da empresa Vale, em que a ganância pelo lucro falou mais alto: o rompimento de mais uma barragem de resíduos de mineração em Brumadinho. Logo após, uma Nota Técnica do Ministério da Saúde, reafirmando a Portaria 3.588/2017, propõe retroceder toda a luta e trabalho pela Reforma Psiquiátrica nacional, fazendo inclusive menção ao financiamento do eletrochoque, declarando-se contrária à redução de danos, em apoio às comunidades terapêuticas, com perspectiva hospitalocêntrica e médico-centrada, chegando a igualar os serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos. Além disso, já há algum tempo, o SUS vem sendo desmontado em detrimento do setor privado e da lógica de mercado, num subfinanciamento crônico agravado com a Emenda Constitucional 95 que estabelece teto de gasto e congela os investimentos em saúde, educação e assistência social pelos próximos 20 anos.

Se já vínhamos dito dos tempos sombrios que nos assolava desde 2016, com “Eles passarão, nós passarinho”, em 2017 com “Faz escuro, mas eu canto: liberdade em todo canto” e em 2018 reforçamos com a luta das mulheres de que estamos “Atentas e fortes: Tantãs sem temer os golpes”, agora, o lema das redes sociais parece ser a saída para resistir pelas lutas contra a corrente de cunho neofascista que vem tomando o país. O lema tornou-se também refrão nas

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: De mãos dadas contracorrentes

18 DE MAIO
2019

DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL



nossas discussões para o desfile do 18 de maio de 2019, e entendemos: “vamos de mãos dadas”, diz-nos o poeta mineiro Drummond.

Sim “de mãos dadas”, mas com quem? Uma corrente da cara do Brasil das eleições em 2018 atacou as principais formas de luta do país. Cada uma passou por um reducionismo perverso diferente dos seus princípios ou com informações falsas e deturpadas. Por exemplo, reduziram a luta das mulheres como se fossem “defensoras do assassinato de fetos”, a causa LGBTQI+ à “kit gay” e “mamadeira de piroca” e os Direitos Humanos foram reduzidos à “defesa de bandidos”. Vamos de mãos com as alteridades ameaçadas por gestos de “armas” nas mãos e que tem sofrido muita violência: negros, mulheres, índios e comunidade LGBTQI+. Vamos de mãos dadas com os que lutam pelo direito à terra e ao teto, com os nordestinos, com as diferenças. Todas essas lutas convergem com a luta antimanicomial na medida em que o manicômio sempre serviu aos poderes hegemônicos para higienizar a sociedade daquele que é diferente do padrão social. Uma corrente no país prende e mata a diversidade da gente brasileira, outra apoia, e há aquela que se abstém. Contra essas correntes que querem nos prender é preciso que os ameaçados por elas sigam de mãos dadas.

Essas correntes que querem pôr correntes são contrárias à liberdade como direito humano, porque querem segregar, e, para isso, precisam prender e matar. Essas correntes atendem aos interesses do capital acima do direito de ser humano e usam o nome de “Deus”, como já fizeram os reis absolutistas e os lacaios da inquisição. Usam um ufanismo perigoso para se colocarem acima das vidas que pedem por sobrevivência, pelos direitos de serem humanos e as garantias de direito à vida.

Então, contra as correntes que querem nos esmagar ao se colocarem acima do direito de ser humano, contra as correntes que querem nos prender e matar, contra as correntes de ódio e desrespeito ao outro, vamos de mãos dadas saudar a diversidade da gente brasileira, pedindo: “Direitos às diversas gentes, de mãos dadas contracorrentes!”

É esse o convite que o Fórum Mineiro de Saúde Mental e a Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Minas Gerais fazem neste ano. A Escola de Samba Liberdade Ainda Que Tam Tam evoluirá com as seguintes alas:

1ª ALA: LIBERDADE, LIBERDADE, NÃO VOLTEMOS AOS PORÕES!

A luta antimanicomial brasileira surgiu há 32 anos e uma de suas maiores conquistas foi tornar possível aquilo que muitas vezes parecia impensável, improvável: fazer caber na sociedade as pessoas que secularmente foram excluídas e trancafiadas nos manicômios/hospitais psiquiátricos por serem diferentes. Colocados à margem social, aniquilados pelo preconceito, os loucos carregaram, ao longo dos anos, os estigmas da periculosidade, incapacidade e irresponsabilidade.

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: De mãos dadas contracorrentes

18 DE MAIO
2019

DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL



Para que assegurássemos a inclusão e a convivência da loucura com a cidade foi necessária muita luta política junto ao parlamento, gestores públicos, empresários da saúde, corporações profissionais, enfim, com a sociedade em geral. Temos uma Lei federal e várias estaduais assegurando a Reforma Psiquiátrica, construímos uma Política de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas composta por uma rede de serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico, dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), ampla, de qualidade, diversificada, territorializada, comunitária, interdisciplinar e como efeito e objetivo das nossas ações, estamos conseguindo mudar o olhar da sociedade sobre a loucura, ao desconstruirmos uma lógica de intolerância e desrespeito. Reconhecer que a liberdade é terapêutica é uma aposta, para loucos e não loucos, de que a autonomia e responsabilização são conquistas para todos os cidadãos.

A Rede de Saúde Mental (Centro de Atenção Psicossocial – CAPS ou Centro de Referência em Saúde Mental – CERSAM em suas diversas modalidades, Centro de Convivência, Equipe de Saúde Mental e PSF nas Unidades Básicas de Saúde, Consultório de Rua, Serviço Residencial Terapêutico, Unidade de Acolhimento para adultos e crianças e adolescente, Leito de Saúde Mental em Hospital Geral, Arte da Saúde) é composta por serviços que o poder público tem que implantar, ampliar e consolidar, para que Artigo 196 da Constituição Federal seja realidade e para que os hospitais psiquiátricos e todas as instituições que isolam e segregam pessoas, com o argumento de estarem “tratando”, como as comunidades terapêuticas, deixem de existir. Essas instituições têm práticas violentas de aniquilamento da subjetividade e dos corpos, fato comprovado toda vez que o poder público as vistorias, ou quando são manchetes de jornais. Mortes, eletrochoques, lobotomias, excesso de medicamentos, privação de liberdade, acoites, punições, abandono: tudo em nome do bem!

Depois de tanta luta e tanta conquista, depois de tanto reconhecimento e protagonismo dos nossos usuários, o Governo Federal propõe retroceder aos “porões da loucura” ao publicar a Portaria 3.588/2017 e a Nota Técnica 11/2019, suspendendo o fechamento dos hospitais psiquiátricos e aumentando o valor das suas diárias, propondo a volta dos obsoletos ambulatorios de saúde mental, do eletrochoque, da internação de crianças e adolescentes, ampliando convênios e financiamento para as comunidades terapêuticas, enquanto os CAPS, desde 2011, não têm um centavo de aumento.

Assim como o (des)governo federal nega a existência da ditadura militar e de seus trágicos desdobramentos, nega também o holocausto ocorrido dentro dos hospitais psiquiátricos. Em nome de um setor da corporação médica, dos interesses privados, religiosos e eleitoreiros, reedita a violência, o horror e a morte como lócus terapêutico.

Não iremos permitir que uma política que é orgulho e patrimônio do nosso país seja invalidada por um governo que semeia ódio e incompetência. Estaremos nas ruas, lugar de todos os cidadãos de uma cidade, para denunciar e resistir, pois se a gente resistir, o manicômio vai cair, vai cair, vai cair!

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: De mãos dadas contracorrentes

18 DE MAIO
2019

DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL



2ª ALA: NÓS TEMOS UM SONHO: TERRA, TETO E TANTÃO

*“Quando eu morrer, que me enterrem
Na beira do Chapadão
Contente com minha terra
Cansado de tanta guerra
Crescido de coração”
Chico Buarque, apud Guimarães Rosa*

A tradicional ala dos delírios e alucinações do nosso 18 de maio aceita o desafio que lhe é confiada: construir um Brasil onde todos tenham terra e teto, luta sonhada de milhões de pessoas, num país campeão mundial de latifúndios e de especulação imobiliária.

Almejar ser dono de uma casa pra morar, de uma terra pra plantar, pode ser entendido, por alguns, como um delírio em um país com tantas desigualdades sociais. Por outro lado, outros tantos entendem que desejar com muita força, lutar de todas as maneiras nos trás a imagem da força dos delírios e alucinações que resistem também enquanto direito, insistindo em existir apesar de toda a parafernália biologicista e das neurociências criadas para contê-las. É por aí, que vamos contar a história da luta pela conquista aos direitos de teto e terra.

No Brasil, desde que os portugueses aqui aportaram sempre houve disputa pela terra, cuja lógica de concentração e improdutividade também remontam a essa época. Combinada com a monocultura para exportação e a escravidão, a forma de ocupação de nossas terras estabeleceu as raízes da desigualdade social que atinge o Brasil até os dias de hoje.

Ao mesmo tempo, ao longo de cinco séculos de latifúndio, foram travadas lutas e resistências populares. As lutas contra a exploração e, por conseguinte, contra o cativo da terra, contra a expropriação, contra a expulsão e contra a exclusão, marcam a história de resistência dos trabalhadores do campo.

O exemplo mais atual de luta pelo direito à terra é o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, fundado em 1984, cuja semente talvez já existia quando os primeiros indígenas se levantaram contra a mercantilização apropriada pelos invasores portugueses do que era comum e coletivo: a terra, bem da natureza. Como imaginar o MST sem a resistência coletiva dos quilombos ou de Canudos ou sem o aprendizado e a experiência das Ligas Camponesas.

Lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país foram os objetivos principais desse movimento camponês nacional que, ao longo dos anos, sem nunca abandonar seus princípios, resistiu e enfrentou massacres, como o de Eldorado de Carajás (1996) no Pará, o de Felixburgo (2004) em Minas Gerais, perseguições políticas, e a partir do século XXI, vem denunciando e disputando a hegemonia do agronegócio, voltado para a exploração da terra, dos recursos naturais e do trabalho, por meio do financiamento público, com monoculturas como as de soja, cana de açúcar e celulose, além da pecuária extensiva. Mas também alcançou conquistas: a inclusão na Constituição Federal da garantia da desapropriação

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: De mãos dadas contracorrentes

**18 DE MAIO
2019**

**DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL**



de terras que não cumprem sua função social, a criação da Via Campesina, um movimento internacional que aglutina diversas organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, atingidos por barragens, mulheres camponesas e comunidades indígenas dos 5 continentes, possui atuação em todos os estados brasileiros, em torno de 500 mil famílias assentadas e 150 mil vivendo em acampamentos, centenas de associações de produção, comercialização e serviços, além de cooperativas associadas, 1.800 escolas públicas nos assentamentos, 150 mil crianças matriculadas e cerca de 3.500 professores em escolas onde se desenvolve uma pedagogia específica para o campo.

A esta história soma-se um outro movimento, que tem início, no período, reconhecido como de recuo dos movimentos sociais, sobretudo nos anos 90 e primeira década do século XXI: o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto – MTST. Primeiramente, cabe salientar que o MTST, embora seja identificado como movimento por moradia, é um movimento por transformações sociais profundas, que vão além das questões urbanas. O embrião de sua construção ocorre no interior do MST, particularmente, durante a Marcha Popular Nacional de 1997, rumo à Brasília, que passou por várias cidades, e cujo intuito era relacionar os problemas sociais vividos no campo e na cidade.

Inicialmente organizado como um setor urbano do MST, numa época em que a população brasileira se concentrava cada vez mais nas cidades, o MTST surgiu em decorrência das dificuldades encontradas com a falta de moradia adequada nas periferias dos grandes centros urbanos e tem uma base social clara: a população pobre das periferias das grandes e médias cidades. Nasce da luta por moradia digna, direito constituído pela Constituição Federal de 1988. Uma de suas formas de atuação é a ação direta através da ocupação de bens imóveis que não atendem à sua função social, tendo também consolidado seu protagonismo entre os movimentos sociais através de manifestações e protestos em defesa da democracia brasileira. Atualmente o movimento organiza 55 mil famílias em 14 estados do Brasil. Agora, em 2019, entregou 910 apartamentos para famílias em dois condomínios na cidade de Santo André, São Paulo, e nas palavras do coordenador nacional do MTST, Guilherme Boulos “Cada um desses 910 apartamentos não tem só as paredes. Tem os sonhos dessas famílias que moraram debaixo de lona preta por sete anos. Porque ninguém nos deu de presente essas casas: elas foram alcançadas com muita luta”.

Este também é o nosso sonho: o direito a terra, teto e tantãs. Os tantãs da liberdade, que com seus delírios e alucinações, as mais criativas manifestações da subjetividade humana, são o exemplo de que mesmo em meio a turbulências, sofrimento, desamores e violência, o homem continua a sonhar.

3ª ALA: SOU CUNHATÃ, SOU CURUMIM, CUIDA SEMPRE DE MIM!

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: De mãos dadas contracorrentes

**18 DE MAIO
2019**

**DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL**



Neste ano, a ala das crianças e adolescentes soma à sua temática os povos indígenas e como são vários, tomamos como parte do título as palavras “Cunhatã” e “Curumim”, que têm origem Tupi e designam as crianças indígenas desta etnia.

Traremos para a avenida a história do povo indígena com sua luta, força e resistência ao longo dos séculos. Um povo que sempre foi dizimado desde que os europeus invadiram essas terras. Eles resistem bravamente contra toda forma de opressão, não perdendo sua cultura diversificada. Infelizmente, as crianças e adolescentes de nosso tempo vêm sendo dizimadas da mesma forma pelos adultos cheios de razão. Como os índios sofreram e ainda sofrem com o etnocentrismo e eurocentrismo, nossas crianças e adolescentes sofrem com o “adultocentrismo”. Os adultos criam formas de doutrinação que estão adoecendo nossas crianças e adolescentes, e, muitas vezes, têm usado o mesmo recurso, índios em sua resistência, entre eles, a fuga e o auto-extermínio.

A política brasileira dedicada aos indígenas, segundo Eduardo Viveiros, é ignorante, arrogante e genocida. Dom Roque Paloschi, arcebispo de Porto Velho, pontua que ainda há por parte de políticos reacionários condutas que propagam intolerância e geram violências diversas contra os povos indígenas. O advogado Dinamam Tuxá, integrante da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, fala que o Estado Brasileiro vem cometendo um verdadeiro genocídio com o aval do Judiciário e que a política nacional se tornou conservadora, não agrega pessoas e não respeita a diversidade, agravando a violência contra os povos indígenas. Segundo dados da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) estima-se a presença no Brasil, quando os portugueses aqui aportaram, de cerca de 3 milhões de indígenas e que atualmente existem quase 900 mil, distribuídos em 305 etnias (vários povos extintos), falando 274 línguas. Tais dados apontam o tamanho do extermínio destes povos, das pressões e ameaças sofridas ao longo do tempo, como as invasões de madeireiras, garimpeiros, fazendeiros, posseiros e do próprio poder público quando se propõe a fazer obras, por exemplo, de hidrelétricas.

Os indígenas possuem como objetivo central de sua movimentação política a conservação e delimitação de áreas indígenas, ou seja, terra. Porém, esse conceito é muito mais amplo do que o conceito literal. Dentro do conceito “terra”, estão inseridas reivindicações como educação, saúde diferenciada, respeito e reconhecimento à cultura, projetos socioeconômicos destinados aos diversos povos, áreas de preservação e fiscalização ao cumprimento de leis e demarcações.

O mesmo acontece em relação às nossas crianças e adolescentes que têm seu futuro afetado por políticas ou esboços de políticas que não os consideram em seu tempo de formação, propondo saídas racionais e punitivistas para questões sociais, como a proposta de diminuição da idade penal, sem pensar em estratégias que as acolham e às suas famílias, em suas reais necessidades. Políticas que poderiam dar dignidade para que muitos não necessitassem de uma vida na marginalidade e no abandono, que garantissem direitos básicos como alimentação, trabalho, educação, lazer e cultura.

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: De mãos dadas contracorrentes

18 DE MAIO
2019

DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL



Há um ano atrás, a liderança indígena Adriano Karipuna, do povo Karipuna que habita as florestas da Amazônia e possui atualmente uma população de 58 pessoas, foi a Nova York para participar do Fórum Permanente da Organização das Nações Unidas (ONU) para Questões Indígenas e denunciar as ameaças e a situação de abandono que seu povo enfrenta. “A gente protege a floresta não só para os indígenas, mas pra todo mundo. Estamos cuidando deste patrimônio. E é preciso que sejam mais responsáveis com nós, os indígenas”, apela ele.

Neste 18 de maio, nossas cunhatãs e nossos curumins também pedem cuidado e proteção e convidam a cidade a resistir, assim como os índios têm resistido bravamente com sua cultura, sua luta, sua arte, suas pinturas e adornos e seu modo de falar ao mundo.

4ª ALA: BOTA A CARA NO SOL, RESPEITA QUEM SOU!

Neste país, onde todos os dias tem sido de luto, juntos seguimos fazendo luta. 2019 quer de nós mais do que coragem e é através do nosso canto de liberdade que fortalecemos o nosso combinado de não morrer - ainda que há séculos eles venham combinando de nos matar. Exalta-se a ditadura, a tortura, o uso de arma de fogo, o encarceramento em massa e a cada declaração preconceituosa legitima-se a morte da preta, do pobre, do negro, do LGBTQI+. Mais uma estatística, contrariando a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que, em seu primeiro artigo, diz que “todas as pessoas nascem livres e iguais em direitos e dignidades”.

O grande acordo nacional preza pelos privilégios da elite brasileira e pela manutenção da política de opressão, onde a maioria é chamada de minorias.

O racismo, como sistema estrutural, tem organizado a vida social desde a invasão colonial. Nossa terra invadida, roubada, colonizada, escravizada. Nossos ancestrais trazidos em navios negreiros, morrendo de banzo antes mesmo de aqui pisarem – mercadoria, desde lá a carne mais barata do mercado. História que a história não conta.

O negro já nasce com sua história morta, desconhecida, escondida no cativeiro. Essa é a morte do nosso pertencimento, de nossas referências, da nossa língua, da nossa cosmogonia e ancestralidade. Tra-tratrará! Mais uma bala atinge um corpo negro. Ele portava um guarda-chuva, uma furadeira, enquanto a maior apreensão de fuzis no Rio se deu em um condomínio de luxo. O avassalador desconhecimento naturaliza todas as formas de violências contra os “escravizados”. No Rio de Janeiro, um jovem negro, desarmado, é assassinado por um guarda de segurança em um supermercado. Em Salvador, uma festa de aniversário, amplamente divulgada nas redes sociais, usa referências visuais ligadas ao período da escravidão. Retomada do trabalho escravo - a escravidão contemporânea. Mão na cabeça-revista-11 anos de prisão: portava um pinho sol. Genocídio dos jovens negros, massacre negro brasileiro travestido de guerra às drogas - “eles querem um preto com arma pra cima/ num clipe na favela gritando cocaína/ querem que a nossa pele seja a pele do crime”, canta Baco. Uma mulher chicoteada pelo Estado.

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: De mãos dadas contracorrentes

18 DE MAIO
2019

DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL



A violência contra a mulher não é fato novo em nossa sociedade, mas o crescimento do empoderamento é. A história brasileira foi construída por uma política masculinizada e a eleição de uma mulher para o cargo máximo do país ocasionou em um golpe contra a democracia, com evidente caráter machista e misógino. Violência física, agressão psicológica, coerção sexual, injúria. O Brasil é o 5º país do mundo em que matam mais mulheres, o Mapa da Violência de 2015 aponta o registro de 13 feminicídios por dia. Além do fardo da escravidão, as mulheres negras acumulam o tripé: raça, gênero e classe. Desigualdades interligadas, incômodo das relações - servilismo social ou servilismo sexual. A base da pirâmide social. UBUNTU – Ser coração. A mulher africana, a mãe do planeta terra saúda a todos! É necessário ouvir as Marias, Mahins, Marieles e Malês para novos modos de sociabilidades e para sabermos de nós. Ler as Evaristas e as Carolinas. Ouvir a nós mesmos e também as Djamilas. Nos reconhecer! Femicídio, esterilização, sequestro de bebês... as mulheres têm o direito de viver? As mulheres negras têm o direito de serem mulheres?

“(...) Elas passaram a sonhar para viver. E então elas aconteceram outro mundo sentenciado pela liberdade e pelo amor”.

O movimento LGBTQI+ se inscreve como o colorido e a rebeldia das ruas, ensinando-nos sobre a liberdade de ser, de escolher, de enfrentar a repressão dos espaços. Apesar dos dados, como os do Grupo Gay da Bahia, que apontam que em 2017 foram 447 mortes de LGBTQI+ registradas, há, por outro lado, uma trajetória de conquistas: “a retirada da homossexualidade do Código Internacional de Doenças; a possibilidade de casais do mesmo gênero adotarem crianças e estabelecer o direito do casamento; pessoas trans podem alterar no registro civil o seu prenome e sexo, sem necessidade de cirurgia ou laudos médicos; houve uma crescente entrada de LGBTQI+s na Educação Superior”. A cada 19h, um LGBTQI+ é assassinado no Brasil. E quando se é preto as chances de entrar para as estatísticas aumentam.

Em tempos de retrocessos e de ataques aos direitos humanos, com risco de retorno à barbárie, é necessário lembrar que o texto constitucional, no seu compromisso pela igualdade, exige que a sociedade brasileira tome consciência do racismo estrutural, da desigualdade de gênero, da LGBTfobia, da violência endêmica contra as “minorias” e das incessantes tentativas de flexibilização das regras jurídicas que garantem nossos direitos.

Seguiremos no front da batalha, na luta pela adoção de políticas de inclusão e formas de reparação que envolvam o reconhecimento das violências passadas e presentes, tomando como referência a cosmogonia africana: a visão do mundo do bem viver. O que vai nos fazer sobreviver aqui no Brasil, a maior diáspora africana? Gastando uma vida por causa de uma esperança? Precisamos muito conversar sobre esperanças, o poder que nos fez sobreviver ao navio negreiro e que fez acontecer a república de Palmares por quase 100 anos de liberdade.

Somxs os maiores inimigxs do impossível, como nós ensina Baco. Na linguagem dos tambores, levando comandos de resistência. Transportando grãos nas elaboradas tranças para alimentar ou para germinar e que também indicavam as rotas de liberdade. Carnavalizando e colorindo as

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: De mãos dadas contracorrentes

18 DE MAIO
2019

DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL



ruas pela liberdade de expressão, pela liberdade de gênero e opção sexual. Elegendo a maior bancada feminina na Câmara dos Deputados.

Lutamos pela construção de direitos e pela liberdade de sermos quem quisermos ser.

5ª ALA: TIRA SEU RETROCESSO DO CAMINHO, QUE VOU PASSAR COM A REVOLUÇÃO.

A mais perversa armadilha da alienação é acreditar que “sempre foi assim” e, portanto, “sempre será assim”. Eduardo Galeano afirma que nosso sistema odeia tudo que é novo e é por isso que, nas ditaduras que sangraram a América Latina, a história estava proibida, porque insistia em nascer todo dia renovada.

Esta ala homenageia a todas e todos militantes e ativistas que, de uma maneira corajosa e revolucionária, sustentaram e sustentam as suas mais diversas causas, tentando mudar o mundo, libertando a história, unidos em movimentos igualitários: afinal, o meu, o seu, o nosso coração é vermelho.

Ambientalistas, antimanicomiais, antiproibicionistas, feministas, abolicionistas penais, sindicalistas, defensores dos direitos humanos, socialistas, comunistas e de demais partidos de esquerda, anarquistas, ativistas do movimento negro, contra a privatização e em defesa do SUS, da causa LGBTQIA+, da antiglobalização, dos sem terra, sem teto, dos direitos dos povos indígenas, entre outros, têm sido identificados, pelo setor conservador e fascista da política brasileira, de forma violenta e pejorativa, como petralhas e esquerdopatas, demonstrando que a força demolidora do insulto impede qualquer possibilidade de diálogo. A criminalização dos movimentos sociais, sustentada pela disseminação de ódio contra a política e as minorias, tem levado a graves repercussões: a profunda letargia que acomete os corpos preguiçosos e servis, o empobrecimento do pensamento e da criação, a negação da necessária organização política para denunciar e enfrentar os retrocessos, a hipocrisia de identificar como radicalismo ações de resistência na sustentação de algo que sempre se orgulhou e se fez sendo político e radical.

Em cada momento de opressão, sempre houve aqueles que contra ela lutaram e continuam lutando. Marx, em seu 18 de Brumário de Luís Bonaparte, dizia que as revoluções proletárias parecem se deixar derrubar apenas para retirar do chão mais forças, para aprender com seus erros, apenas para impiedosamente se criticar até que nenhum recuo seja possível e todas as condições gritarem pela superação da ordem capitalista mundial.

Que esse momento pelo qual atravessamos, tenha esse sentido enunciado por Marx. Que as ruas de Belo Horizonte, acolham as lágrimas do nosso possível aprendizado, mas também o suor e a alegria de nossa solidariedade, a ousadia e a bravura, a coerência e o inconformismo daqueles que lutam, daqueles que assaltam os céus e fazem a terra tremer sobre os poderosos.

Por fim, é uma homenagem a todas e todos nós que acreditamos haver algo que nos une que vai muito além de nossas vidas particulares, de nossos tempos mesquinhos e prepotentes, que

DIREITOS ÀS DIVERSAS GENTES: **De mãos dadas contracorrentes**

18 DE MAIO
2019

DIA NACIONAL DA LUTA
ANTIMANICOMIAL



nos irmana numa identidade solidária de classe que atualiza a possibilidade de nossa emancipação.

FÓRUM MINEIRO DE SAÚDE MENTAL

ASSOCIAÇÃO DOS USUÁRIOS DOS SERVIÇOS DE SAÚDE MENTAL DE MG – ASUSSAM